



Coordenadora do curso:
Profa. Simone Van De Sande Lee

Subcoordenador do curso:
Prof. Evaldo dos Santos

Chefe de Expediente:
Lucas Indalêncio de Campos

Editor do Boletim:
Prof. Fabricio de Souza Neves
fabricio.souza.neves@ufsc.br

Coordenadoria do Curso de Medicina
Campus da UFSC - Bloco didático-pedagógico do Hospital
Universitário (1º andar) – Trindade, Florianópolis, SC
CEP 88040-970
medicina@contato.ufsc.br www.medicina.ufsc.br
(48) 3721-2282

BOLETIM do CURSO DE MEDICINA da UFSC

Janeiro 2018 Volume 4 – número 1 ISSN 2594-6811



Formatura da 95ª turma da Medicina da UFSC - turma “Luiz Henrique Prazeres”

Na noite de 15 de dezembro ocorreu a formatura da 95ª turma do Curso de Medicina da UFSC. Intitulada “Luiz Henrique Prazeres”, servidor que foi a alma do laboratório de Técnica Operatória desde o início do curso, em 1960, a 95ª turma homenageou os professores Moacir Serralvo Faria (fisiologia), Anelise Steglich Souto (pediatria), Luiz Fernando Sommacal (ginecologia) e os servidores Diana Oliveira Teixeira (médica neonatologista), Max Berenhauer Capella (médico cardiologista) e Lucas Indalêncio de Campos (chefe de expediente do curso). Teve como patronesse a Profa. Daniella Serafin Vieira e como paraninfo o Prof. Edevard José de Araújo, que emocionou os presentes com o discurso “Desafios”, apresentado em artigo desta edição.

Lembre-se:

Acesse o “Boletim” em:
<http://ojs.sites.ufsc.br/index.php/medicina>
e submeta seu trabalho para publicação.

Nesta edição

I. Notícias da capa

Notícias do mês.....1

O discurso do paraninfo: “Desafios”

Araújo EJ.....2

II. Artigos originais

INFLUÊNCIA DAS FASES DA LUA SOBRE OS NASCIMENTOS. MITO OU VERDADE?

Torres AP, Souto AS.....5

Desafios

Edevard José de Araújo

Professor do Departamento de Cirurgia, Centro de Ciências da Saúde, UFSC

Paraninfo da 95ª turma do Curso de Graduação em Medicina

Discurso proferido na solenidade de colação de grau realizada em 15 de dezembro de 2017

“ Início agradecendo a honra de ter sido o PARANINFO desta Turma. Confesso que ser o escolhido dentre tantos professores dedicados e competentes, muito me envaideceu e emocionou. Depois de “cair a ficha”, a vaidade se foi. Sinto-me, agora, um representante do nosso qualificado corpo docente que, vendo-os formados, enche-se de júbilo e os cumprimenta.

Necessário parabeniza-los, também, pela escolha do nome de turma. Decidir por um funcionário falecido, ao invés de um professor ou autoridade relevante, foi um belíssimo ato de generosidade e reconhecimento. LUIZ HENRIQUE PRAZERES, que com orgulho o tive como colega na Disciplina de Técnica Operatória, foi o servidor com mais tempo dedicado à nossa Universidade - 56 anos a ajudar os alunos da medicina, de forma incondicional.

Cumprimento àqueles que lhe são próximos. Àqueles que, presentes ou não, vocês devem muito. E também às inúmeras pessoas que, com maior ou menor intensidade, contribuíram com essa vitória. Sejam gratos. Como disse Antístenes de Atenas: “a gratidão é a memória do coração”.

Parabenizo também, a UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Tenham uma certeza: graças à nossa Universidade, vocês estão entre os melhores médicos que se formam nesse país. Tudo isso, de forma pública e gratuita, mesmo enfrentando dificuldades - algumas conjunturais, outras inaceitáveis. A vocês doutores, um pedido: sejam fiéis à UFSC, orgulhando-se dela, sendo seus dignos representantes e elevando ainda mais o seu nome.

Há muito por falar nesse nosso último encontro. Para não fugir do meu estilo e ser conciso, pretendo deixar algumas reflexões e fazer alguns desafios que, espero, sejam lembrados:

- Merece ser reconhecido o enorme esforço de vocês para chegar aqui. Parabéns! Mas não se sintam apenas orgulhosos e realizados: sintam-se, também, afortunados. Para um enorme contingente de jovens brasileiros, sobreviver a cada dia, literalmente, é o único desejo. Cursar uma faculdade é irreal para eles, ser médico, um delírio. Infelizmente, para milhares de jovens, o sonho que vocês agora realizam, foi abortado pela falta de acesso à escola, pela falta de uma família,

pelo risco social onde reinam a violência e as drogas. Somos 212 milhões de brasileiros e apenas 8 milhões se formaram numa faculdade. Observem: vocês, agora, fazem parte de uma casta privilegiada de 3,8% de brasileiros. Não é para se sentir afortunado?

Mas esse dever de gratidão à vida, não é só nosso. Há uma dívida social que nos obriga a dar o retorno daquilo que recebemos. Não podemos, sozinhos, mudar o mundo; mas temos que nos sentir, também, responsáveis por ele. Meu primeiro desafio: devolvam à vida mais do que ela lhes deu, não fiquem devedores nem no empate técnico; sejam credores, e multipliquem os seus talentos.

- Ficaremos torcendo por vocês, pois apenas essa batalha foi vencida, não a guerra. Uma nova fase se inicia, e quando estiverem cansados, lembrem-se da frase de Lindolf Bell, nosso escritor catarinense: “menor que meus sonhos não posso ser”.

- Ser médico, não nos torna melhor que os outros. O que nos distingue é que podemos fazer a diferença, na vida de várias pessoas, todos os dias. Não temos o poder de curar tudo, não somos e não queremos ser deuses, mas podemos, e devemos, encantar, aliviar e, acima de tudo, confortar quem nos procura. Meu desafio: que cada paciente saia do seu consultório mais alegre e mais confortado do que entrou. Acreditem, é um hábito maravilhoso. Notem que não citei obrigação de resultado.

- Não se deixem levar pelo orgulho, permitindo que nos tratem como deuses; pelo contrário, exijam ser tratados como pessoas. Pessoas que tem limites; pessoas falíveis; pessoas que precisam viver com um salário justo; pessoas que necessitam trabalhar em condições dignas; que necessitam de condições mínimas para o exercício profissional; pessoas que têm família; pessoas que precisam ir para casa; pessoas que precisam amar e ser amadas.

- Não se enganem, nem poder nem dinheiro lhes garante autoridade. Autoridade, diferentemente do autoritarismo, é fruto do respeito. E o respeito é o que mais devemos ter das pessoas, seja em casa ou no trabalho. Como já afirmei no início, ser médico não nos torna melhores, não nos dá mais direitos; pelo contrário, nos obriga a dar exemplo. E uma forma de dar exemplo,

é explicar aos pacientes, seus direitos, para que eles prevaleçam. A consulta médica também tem um momento político, de cidadania. Meu desafio: ensinem às pessoas os seus direitos, sejam agentes da cidadania.

- Perguntem às crianças o que desejam fazer ao crescer e irão lhes responder, em ordem de preferência: médicos e professores – exatamente as piores carreiras públicas no Brasil (presenciei isso há uma semana na escola de meu neto). Mas, por que uma criança de 6 anos, já pensa em ser médico? É a imagem que imprimimos. Nossa participação já é emblemática desde os primórdios da vida até o seu ocaso. E é essa imagem da medicina que vocês, a partir de agora, têm a responsabilidade de manter. Somos médicos 24 horas por dia, mesmo quando não estamos atuando como tal, dando exemplo de comportamento e com as nossas atitudes. A partir de agora, quando expostos à sociedade (mesmo nas redes sociais) vocês não serão mais vistos apenas como pessoas, mas sim como médicos. Meu desafio: lembrem que serão médicos o tempo todo!

- João C. de Castro, médico, nos deixou uma frase maravilhosa e, para mim, também aterradora: “medicina é uma confiança, diante de uma consciência”.

As pessoas que nos procuram, se desnudam dos seus segredos, nos entregam as suas angústias e abrem-se em seus medos. Por isso, é inconcebível que, diante de tanta entrega e confiança, não haja, do outro lado, um profissional consciente e, por consequência, de grande força moral. Se não nos conscientizarmos disso, seremos traidores dessa confiança. E traindo essa confiança, nos igualamos ao policial corrupto, ao juiz sectário, ou àqueles políticos que só merecem o nosso desprezo. Meu desafio: a cada conduta tomada, vocês se perguntem – e se fosse o meu pai ou meu filho?

- Nunca é demais lembrar: não temos a obrigação de acertar ou de solucionar tudo. Nossa obrigação com nossos pacientes é fazer-lhes o que há de melhor, é proporcionar-lhes o nosso maior empenho. As pessoas precisam ser lembradas disso. Proíbam-se de fazer com que as coisas pareçam simples e fáceis, pois isso é muito perigoso. Meu desafio: obriguem-se a demonstrar o seu esforço pelas pessoas. É angustiante a sensação de ser esquecido ou abandonado.

- A profissão médica é uma das que mais sofre um dos males do século: o *BURNOUT*, uma síndrome depressiva, conhecida como “apagão”. No último mês de junho, o *New England Journal of Medicine* fez uma publicação sobre o *burnout*: mais que a metade dos médicos americanos, vista como a melhor medicina e a de melhores recursos no mundo, já apresenta pelo menos um dos sintomas do *burnout*.

Há que se diminuir esse risco, cuidando da saúde e aliviando a pressão com alguma atividade além da medicina: um hobby, um lazer, um esporte. Lembrem-se: para fazer bem medicina, é preciso estar bem consigo mesmo. Meu desafio: aproveitem suas folgas, curtam seus finais de semana, viajem, aproveitem – e não vendam – as suas férias.

- Parece irônico, mas a convivência com o sofrimento humano não é uma das maiores causas de aflições na profissão médica. Atualmente, esse posto é ocupado, segundo a pesquisa do *NEJM*, pelo sistema como um todo, com as cobranças, problemas com o ambiente de trabalho, a sensação de impotência profissional, as sobrecargas administrativas e a incapacidade de gerar os resultados possíveis. Segundo o CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, há 900.000 brasileiros esperando por uma cirurgia. Mas, para a população, a culpa dessa fila não é resultante da incompetência administrativa, políticas de saúde equivocadas e da chamada “FARTURA”: falta de material, falta de leitos, falta de medicamentos, falta de fios de sutura, falta de produtos de limpeza. Sem falar na falta de vergonha! A culpa, para a sociedade, é do médico. Isso porque a SAÚDE é um dos primeiros assuntos em plataformas eleitorais: ou seja, quanto pior, melhor. Meu desafio: não sirvam aos inescrupulosos.

- Carl Jung, a respeito da nossa profissão, escreveu: “conheça todas as técnicas, mas, quando tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”. O conhecimento técnico na medicina é importante, mas o humanismo é fundamental. Não importa onde vamos ver nossos pacientes, se num posto de saúde, num ambulatório ou num consultório privado. Não importa qual paciente nos procura, se o mais simples ou o mais destacado. O empenho, o interesse e a solidariedade devem ser os mesmos.

Maimônides, que nos deixou um dos mais belos juramentos médicos e cuja leitura recomendo, em determinado momento ele pede “...faça com que no paciente, eu não veja nada mais do que um companheiro que sofre...”. Meu desafio: que toda pessoa atendida por vocês, pense - valeu a pena!

- Na natureza, a sobrevivência é resultado da adaptação. E nós, da saúde, convivendo diuturnamente com o drama humano, nos adaptamos de uma forma perigosa: perdendo a sensibilidade. Nossa adaptação vem na forma do que eu chamo de “uma casca” - como nas árvores - à medida em que convivemos com a dor, o sofrimento e a morte. Perigo: essa mesma “casca” que nos protege, pode engrossar demais, e nos deixar muito frios, insensíveis. E justamente é a sensibilidade que nos dá a capacidade da percepção, para enxergarmos o sofrimento e a angústia que podem estar disfarçadas atrás de um sutil sintoma. Não sofre apenas o paciente

grave, o acidentado; sofre também aquele que nos parece não ter nada. Meu desafio: mantenham a sensibilidade e apaguem a palavra “nada” do vocabulário médico, para que seus pacientes sejam verdadeiramente ouvidos.

- O conhecimento humano vem num ritmo alucinante, assim como a velocidade da informação. Por ano, são publicados mais de 5 milhões de estudos na área da saúde. Infelizmente, muitas eivadas por conflitos de interesse e financeiro. A saúde é um grande negócio para os investidores e os médicos são seus instrumentos. Por isso, sejam céticos, duvidem, estudem e busquem a verdade de forma obstinada. Não caiam no canto dos cisnes: nem toda tecnologia é benéfica; nem toda novidade é tão boa como parece, nem tudo que pode, deve ser feito. Nossos pacientes têm que ser beneficiários e não vítimas das novidades. Meu desafio: lembrar do pêndulo da medicina, onde o que é moda hoje, poderá ser proscrito amanhã.

Como no final de uma pretensa aula, vou recapitular MEUS DESAFIOS: surpreendam de forma positiva os pacientes; demonstrem seu empenho; sejam médicos 24 horas/dia; multipliquem os talentos recebidos; não sejam instrumento aos inescrupulosos; façam valer a pena cada consulta; não percam a sensibilidade; “nada”

não existe em medicina; ouçam seus pacientes; questionem as novidades; sejam agentes de cidadania; e cuidem da sua saúde.

Fica a pergunta: como é que se consegue isso? Simples: tentando ser melhor a cada dia. Consegue-se isso, mantendo-se a meta de todo dia, tentar fazer um pouco a mais pela vida das pessoas. Não há limites para quem busca ser, hoje, melhor que ontem. Não há limites para quem quer fazer a diferença, para quem quer ser o fermento da massa.

Não posso encerrar, sem lhes propor meu ÚLTIMO DESAFIO: perguntem a si próprios, de vez em quando, **SOU UM BOM MÉDICO?** Essa eu vou ajudá-los a responder: quando teus colegas e até mesmo professores passarem a te procurar; quando fores uma referência em situações graves; quando perceberes que tua presença entusiasma as pessoas e o ambiente de trabalho; quando notares no semblante dos teus pacientes, sinais de esperança e alívio ao te avistarem; quando saíres de casa feliz indo para o teu trabalho; e, acima de tudo, quando te surpreenderes, que ainda ficas emocionado ao ouvir um simples “muito obrigado doutor”, então achaste a resposta: **EU, DE FATO, SOU UM BOM MÉDICO!**”



Colação de grau: Representante do Sindicato dos Médicos de SC, Dr. Gilberto Digiacomio da Veiga; Parainfo da turma, Prof. Edevard José de Araújo; Reitor da UFSC, Prof. Ubaldo Cesar Balthazar; Representante do Conselho Regional de Medicina, Dra Rachel Duarte Moritz; Coordenadora do Curso de Medicina, Profa. Simone Van De Sande Lee; vice-diretor do CCS, Prof. Fabricio de Souza Neves

A 95ª turma de médicos formados pela UFSC (turma 2012.1), no hall do CCS



INFLUÊNCIA DAS FASES DA LUA SOBRE OS NASCIMENTOS. MITO OU VERDADE?

Analia Peña Torres¹, Anelise Steglich Souto²

1. Acadêmica do Curso de Graduação em Medicina, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina
2. Professora do Departamento de Pediatria, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina

Submetido em 3/01/18; aceito para publicação em 13/01/18
Autor para correspondência: Prof. Anelise Steglich Souto (souto.anelise@gmail.com)

Resumo

Uma crença popular muito difundida afirma que o número de nascimentos de bebês está correlacionado com as fases da Lua; este número aumentaria significativamente em fase de lua cheia. A fim de encontrar indícios a favor ou contra a crença popular, este estudo buscou analisar os nascimentos na maternidade do Hospital Universitário de Florianópolis nas diferentes fases lunares e determinar se existe relação entre as fases lunares e o número e a via de parto dos nascimentos. Trata-se de um estudo observacional, transversal com coleta secundária de dados do Livro de Registro de Nascimentos do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina, no período de seis meses do ano 2016. A partir das datas de nascimentos dos 1.122 nascidos vivos do período estudado e com auxílio do calendário lunar, foi determinado em que dia do mês lunar cada criança havia nascido. Não houve diferença no número de nascimentos nas diferentes fases da lua, bem como entre dias de troca ou não de fase. A proporção de partos por via vaginal foi semelhante nos diferentes tipos de lua. Os resultados deste estudo contradizem a crença popular de que a lua tem influência sobre o nascimento dos bebês.

Palavras-chave: Fases da lua. Nascimentos. Lua cheia. Partos.

INTRODUÇÃO

Superstições e crendices fazem parte da natureza humana. Vários elementos da natureza, como a lua, estão relacionados com o dia a dia do homem. Com o nascimento de crianças não é diferente, e é comum ouvir-se afirmações tais como: "Nascem mais bebês nos dias de mudança de fase da Lua!" ou "Nascem mais bebês na Lua Cheia!" (1,2,3). A ideia de que a lua afeta o trabalho de parto criou raízes na cultura popular. Os primeiros calendários foram baseados no ciclo lunar. A agricultura foi desenvolvida há longo tempo baseada nas fases da lua. Com o aumento da civilização, este satélite ganhou maior importância. As mulheres são tão influenciadas pela lua que muitas acreditavam que a fertilidade e o parto variavam de acordo com a fase lunar (4). Na medicina, não se observa exceção à associação da fase lunar com nascimentos, existindo profissionais da área da saúde que acreditam nesta tese que relatam aumento da demanda conforme a transição lunar (1,5,6).

Na tentativa de uma explicação para o fenômeno, na internet encontram-se páginas que dizem que os ciclos menstruais são contados pelo sistema do mês lunar, com apenas 29 dias (5). A gestação também obedeceria ao mesmo ciclo. Em média, são contados nove ciclos da lua e não nove meses

completos, desde a fecundação até o momento previsto do parto.

Segundo o instituto de Física da UFRGS (7), o intervalo de tempo médio entre duas fases de lua iguais consecutivas é de 29d 12h 44m e 2,9s (29,5 dias). Esse período é chamado mês sinódico, ou lunação, ou período sinódico da Lua.

Na literatura científica, a quantidade de estudos que busca correlacionar o número e características de nascimentos humanos com as fases da lua é limitado, não são recentes e possuem metodologias variadas (4,8,9,10,11,12)

Diante desta difundida crença popular, este estudo buscou analisar os nascimentos na maternidade do Hospital Universitário da UFSC (HU-UFSC) nas diferentes fases lunares e determinar se existe relação entre as fases lunares e o número e a via de parto dos nascimentos—normal ou cesariana.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo observacional, transversal com coleta de dados secundários obtidos no Livro de Registro de Nascimento na Maternidade do Hospital Universitário Prof. Polydoro Ernani de São Thiago da Universidade Federal de Santa Catarina (HU-UFSC). A população-alvo inicial foi compreendida por todos os recém-nascidos vivos na

Maternidade do HU -UFSC, no período de 01 de janeiro a 30 de junho de 2016.

As informações obtidas para estudo foram: data e hora de nascimento, idade gestacional, peso e sexo do recém-nascido. Foram abordados ainda dados da gestante como idade, número de gestações e via de parto. A partir das datas de nascimento foi utilizado o auxílio das datas de mudança das fases da Lua (2016) do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (13) para determinar em que dia do mês lunar cada criança havia nascido e se este correspondia ao dia de troca de lua.

Os dados foram armazenados no programa EpiData e posteriormente analisados com auxílio do software Epi-info 7.05b e Stata 13. Estabeleceu-se um nível de significância de 5%. Para variáveis contínuas a descrição foi realizada através do cálculo de médias e seus respectivos desvios padrão. Para análise de variáveis categóricas foram utilizados os cálculos de frequências absolutas e relativas com os seus respectivos intervalos de confiança de 95%. O teste de chi-quadrado foi utilizado para avaliar a associação entre duas variáveis categóricas.

RESULTADOS

Durante o período de 01 de janeiro a 30 de junho de 2016, ocorreram 1.128 nascimentos na Maternidade do HU-UFSC. Para análise foram excluídos todos os fetos mortos, resultando em um total de 1.122 nascidos vivos.

A média e mediana de idade materna no estudo foi de 27 anos, a moda foi de 21 anos e 62% tinham mais de 25 anos. 57,5% das mulheres tiveram mais de uma gestação.

Em relação ao total de nascidos vivos, 90% dos recém-nascidos eram a termo, 52,7% eram do sexo masculino e 47,3% do sexo feminino. O peso médio ao nascer foi de 3.237g (dp 554g) e a mediana 3.270g. Quanto à via de parto, os dados obtidos no estudo demonstraram que 64,7% foram partos vaginais e 35,3% foram cesáreas.

Os 1.122 nascimentos tiveram distribuição semelhante nas diferentes fases da lua, como ilustrado na figura 1. Note-se que a frequência de nascimentos em dias de lua crescente foi levemente superior, no entanto, sem diferença estatisticamente significativa.

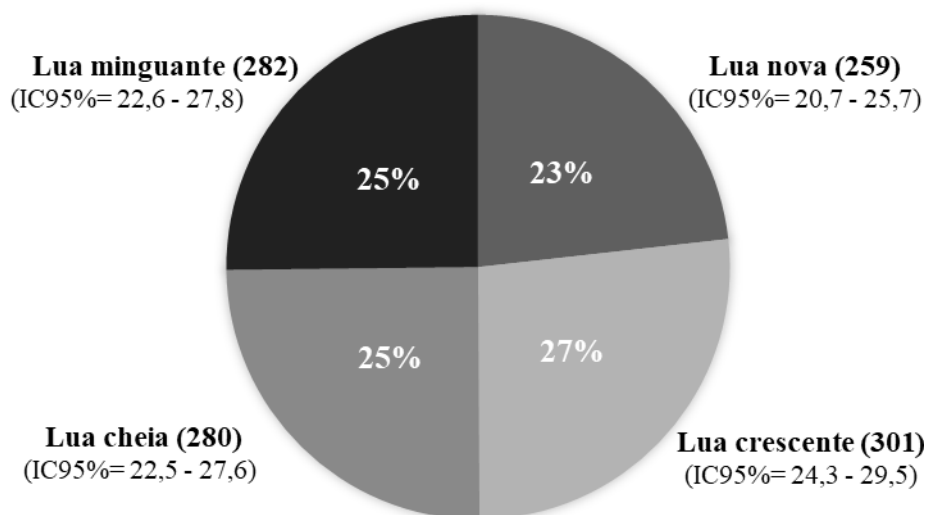


Figura 1. Distribuição dos nascimentos ocorridos no Hospital Universitário por fase de lua. IC: Intervalo de confiança

A ocorrência de nascimentos em dias de troca de lua ou não troca foi semelhante. Dos 182 dias estudados, 13% dos partos, correspondendo a 147 nascimentos, foram em dias de troca de lua, o que equivale a 5,9 nascimentos ao dia. Como contraponto, os partos que não ocorreram em dias de mudança de fase totalizam 975 partos, ou seja, em média 6,2 nascimentos ao dia.

Quanto a análise de via de parto, normal ou cesariana, nas diferentes fases da lua, não se observou diferenças significativas como demonstrado na tabela 1. Da

mesma forma, a distribuição da via de parto foi semelhante nos dias de troca ou não de fase de lua (tabela 2).

A Figura 2 ilustra o número de nascimentos de acordo com o dia do mês lunar, mostrando a média de nascimento de três dias antes, no dia e de três dias depois de troca de fase da lua para cada fase lunar. Observa-se que não houve variação significativa do número de nascimentos para todos os dias do mês lunar.

Tabela 1. Associação entre a fase da lua e a via de parto nos 1122 nascimentos ocorridos no Hospital Universitário.

Tipo de lua	Tipo de parto				Valor-p*
	Normal		Cesárea		
	N	% (IC95%)	N	% (IC95%)	
Lua nova	155	59,9 (53,7-65,7)	104	40,2 (34,3-46,3)	
Lua crescente	200	66,5 (60,9-71,6)	101	33,6 (28,4-39,1)	
Lua cheia	184	65,7 (60,0-71,1)	96	34,2 (28,8-39,9)	0,318
Lua minguante	187	66,3 (60,6-71,6)	95	33,7 (28,4-39,4)	

IC: Intervalo de confiança. *Teste de chi-quadrado

Tabela 2. Associação entre dia de troca ou não de lua e a via de parto dos nascimentos no Hospital Universitário.

Tipo de parto	Troca de lua				Valor-p*
	N	Sim % (IC95%)	N	Não % (IC95%)	
Normal	104	70,7 (62,9-77,6)	622	63,8 (60,8-66,8)	0,100
Cesárea	43	29,3 (22,4-37,1)	353	36,3 (33,2-39,3)	

IC: Intervalo de confiança. *Teste chi-quadrado

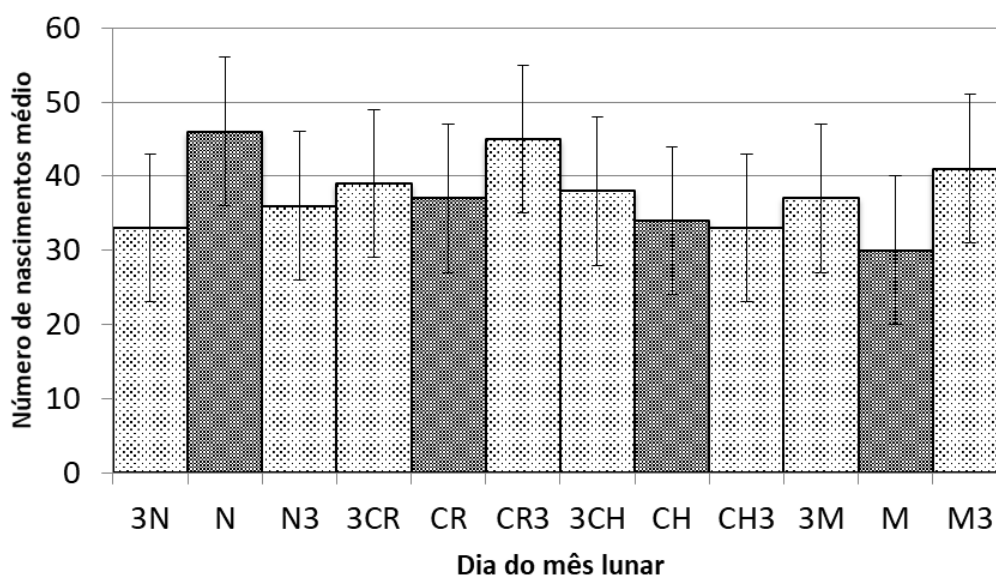


Figura 2. Número médio de nascimentos em função do dia do mês lunar com seus respectivos intervalos de confiança de 95% no Hospital Universitário. N – dia de troca para lua nova; 3N – 3 dias precedentes à troca de lua nova; N3 – 3 dias posteriores à troca de lua nova; CR – dia de troca para lua crescente; 3CR – 3 dias precedentes à troca de lua crescente; CR3 – 3 dias posteriores à troca de lua crescente; CH – dia de troca para lua cheia; 3CH – 3 dias precedentes à troca de lua cheia; CH3 – 3 dias posteriores à troca de lua cheia; M – dia de troca para lua minguante; 3M – 3 dias precedentes à troca de lua minguante; M3 – 3 dias posteriores à troca de lua minguante.

DISCUSSÃO

O presente trabalho demonstrou que os nascimentos ocorridos no Hospital Universitário de Florianópolis no período dos seis meses avaliados (ou dos seis ciclos lunares) tiveram uma distribuição semelhante nas quatro principais fases da lua, assim como nos dias de troca de lua ou não troca. Resultado semelhante foi observado por Romero et al(8), em seu estudo que contou com 1.715 partos, completando 10 ciclos lunares. As gestantes foram divididas em múltiparas e nulíparas e a diferença encontrada na distribuição de partos entre as fases do ciclo lunar junto com a comparação do número de partos no dia central de cada fase não mostrou diferença estatisticamente significativa.

Arliss et al(9) também analisou o efeito do ciclo lunar na frequência de partos. A comparação foi feita entre 564.039 partos totalizando 62 ciclos lunares, considerando oito fases da lua (nova, tornando-se crescente, crescente, primeiro quarto, último quarto, tornando-se minguante, cheia e minguante) no período de 1997-2001. Sua conclusão é que não houve distinção entre o número de nascimentos que ocorreram durante as oito fases da lua.

Em relação aos nascimentos no período de lua cheia, o presente estudo não observou diferenças quanto à via de parto. Para Ong et al (10), em um trabalho com 10.027 partos no período de 18 meses, tal resultado também foi observado. Não houve aumento no número de partos durante as fases de lua cheia comparado às outras fases. As taxas de cesáreas, partos vaginais e partos prematuros não se alteraram em função da lua cheia.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Schwab (11) selecionou 4.836 nascimentos durante dois anos, sendo que 174 ocorreram em 24 dias de lua cheia. Após várias análises, o autor concluiu que não houve diferença significativa no número de nascimentos nas diferentes fases da lua e que novos estudos deveriam ser realizados com técnicas estatísticas mais sofisticadas para refinar mais os dados a fim

de se confirmar se a lua cheia realmente interfere no número de partos. Ainda sobre a fase da lua cheia, um fato relevante a se observar é que no período estudado, a quantidade de dias da fase de lua cheia é maior que para as demais fases. Na tentativa de eliminar esse viés, também se fez a avaliação da média de nascimentos nas principais fases da Lua (Nova, Crescente, Cheia e Minguante) tomando como base os três dias anteriores e três dias posteriores a cada mudança, corrigindo esta diferença do calendário. A distribuição do número de nascimentos permaneceu homogênea.

Outra pesquisa que corrobora com os dados do trabalho é a realizada por Strolego (12), que realizou um estudo envolvendo 5.226 partos, dentro de 37 ciclos lunares, considerando dois dias antes e dois dias após a mudança da fase lunar. O resultado não mostrou diferença estatística entre a fase de lua cheia e as demais fases do ciclo, sugerindo que essa influência é improvável. Para Silveira (2) em um trabalho com 93.124 datas de nascimentos de candidatos a concurso vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que determinou em que dia do mês lunar cada candidato havia nascido, nenhuma evidência de que em algum dia especial do mês lunar ocorra um número maior ou menor de nascimentos de bebês do que em qualquer outro.

CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo contradizem a crença popular de que a lua influencia na data do nascimento dos bebês ou na via de parto, caracterizando desta forma, a crença como mito. Este trabalho apresentou algumas limitações para seu desenvolvimento, como o uso de dados secundários, condicionados aos registros e um período de apenas seis meses. Sugere-se ampliar o estudo analisando um número maior de nascimentos, além de estudar o número de nascimentos em outras maternidades de Florianópolis a fim de reforçar a conclusão de mito e propor reflexão sobre as implicações advindas da crença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- Bueno A, Lessi IL, Damasceno DC. Influência do ciclo lunar no parto. Mito ou constatação científica?. *Rev Bras Enferm* 2010;63(3):477-9
- 2- Silveira FL. A Lua e os bebês. *Revista Ciência Hoje* 2001;29(170):47
- 3- Silveira FL. Marés, fases principais da Lua e bebês. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física* 2003;20(1):10-29
- 4- Morton-Pradhan S, Bay RC, Coonrod DV. Birth rate and its correlations with the lunar cycle and specific atmospheric conditions. *Am J Obstet Gynecol* 2005;192(6): 1970-3.
- 5- Nagata L. Lua cheia e bebês [acesso em 10 fev 2017]. Disponível em: <http://dralucilanagata.site.med.br/index.asp?PageName=artigos>
- 6- Toledo A. A lua influencia no parto? Médico confirma e explica quando bebê pode nascer; entenda. [acesso em 10 fev 2017]. Disponível em: <http://www.vix.com/pt/bdm/bebe/gravida/materia/lua-influencia-parto-medico-confirmaentenda>
- 7- Oliveira Filho KS, Saraiva MFO. Fases da lua [acesso em 26 fev 2017]. Disponível em: <http://astro.if.ufrgs.br/lua/lua.htm>.
- 8 - Romero MJ, Guerreiro GI, Artura AS. The moon and delivery. *Rev Enferm* 2004;27: 7-9.

- 9- Arliss JM, Kaplan EN, Galvin SL. The effect of the lunar cycle on frequency of births and birth complications. *Am J Obstet Gynecol*. 2005;192: 1462-4.
- 10- Ong S, Wingfield M, McQuillan K. Labour ward activity and the lunar cycle. *J Obstet Gynaecol*. 1998; 18: 538-9.
- 11- Schwab B. Letter: Delivery of babies and the full moon. *Can Med Assoc J*. 1975; 113: 489-93.
- 12- Strolego F, Gigli C, Bugalho A. The influence of lunar phases on the frequency of deliveries. *Minerva Ginecol*. 1991; 43: 359-63.
- 13- Universidade de São Paulo, Departamento de Astronomia, Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas, Datas de mudanças das fases da lua (2011-2020) [acesso em abril 2017]. Disponível em: <http://www.iag.usp.br/astro/astronomia/datas-de-mudanca-das-fases-dalua>
- 14- Bharati S, Sarkar M, Haldar PS, Jana S, Mandal S. The effect of the lunar cycle on frequency of births: A retrospective observational study in Indian population. *Indian J Public Health* 2012;56:152-4.